

Casa de vô



Todo avô toma remédio, usa dentadura e tira soneca depois do almoço. O meu, não. Não toma pílula nem xarope. E, à tarde, fica acordado, brincando comigo. Dentadura? Isso ele usa. Mas, de resto, é diferente. Minha avó também não é igual às outras. Enquanto toda avó borda e faz bolo de chocolate, ela só costura para fazer remendos nas roupas e só cozinha no fim de semana. E quase nunca está em casa. De calça comprida (enquanto todas as avós do mundo usam saia), sai cedinho para trabalhar e nos deixa sozinhos. Daí, o guarda-roupa dela vira elevador. Basta eu entrar e me sentar nas caixas de sapatos para vovô encostar as portas e, como ascensorista, anunciar: – Primeiro andar! Roupas e bonecas. Segundo andar! Balas de goma, móveis e crianças perdidas...

A parede da sala é transformada em galeria de arte com pinturas emolduradas em fita crepe e, o tapete, em tablado de exposição de botões raros, que jamais combinariam com qualquer roupa normal. Ao cair da tarde, na garagem vazia, enquanto o papagaio e os cachorros conversam misturando latidos, uivos e risadas, ele espalha alguns pedacinhos de papel pelo chão. É a brincadeira do Pisei. – Hã? Como assim?, pergunto. Essa é nova. Vovô explica sua invenção: – Memorize onde estão os papéis. Feche os olhos e comece a caminhar. Tente pisar em cima deles. Pode ir perguntando “Pisei?” para facilitar. Ganha o jogo quem pisar em mais pedaços. Eu começo. – Pisei?, pergunto, dando o primeiro passo, apertando os olhos. – Não! – Pisei?, insisto mais uma vez, depois de caminhar um tiquinho. – Não! Ouço um barulho de chaves.

Vovó chega, cansada, do trabalho. Diz “Oi”. Sei que é para mim, mas não posso abrir os olhos para responder. É quebra de regra. – Tudo bem, vó? Quer brincar de Pisei?, convido. – Agora, não, minha riqueza. Vovó vai descansar. Vovô continua a me guiar, já sentado na cadeira de praia, lendo o jornal. Não vi, mas escutei o barulho dela sendo armada e das folhas nas mãos dele. Sigo. – Pisei? – Pisei? – Pisei? E nada.

Sinto meus pés tropeçarem em algo. Abro os olhos. Vovô, à minha frente, de braços abertos, pronto para um abraço de vitória. – Mas eu não pisei em nenhum papelzinho, vô, digo, meio desanimada, mas, já engalfinhada e feliz, nos braços dele. – O vento foi levando tudo para o cantinho do portão, ele explica, sorrindo. – E por que o senhor não me avisou? A gente poderia ter colado os pedacinhos no chão e recomeçado... – Porque eu queria que a brincadeira terminasse com você perto de mim.

SOBROU PARA MIM - RUTH ROCHA.

Quando eu tinha uns 8 anos, mais ou menos, eu morava com minha avó e com a irmã dela, tia Emília. Nossa rua era sossegada, quase não passava carro nem caminhão. Eu ia à escola de manhã e de tarde eu fazia minhas lições e ia pra rua brincar com meus amigos. Às cinco e meia em ponto minha avó me chamava para tomar banho e rezar, minha avó e minha tia rezavam todas as tardes às seis horas. Depois do jantar ficávamos na sala, eu, lendo, minha avó e minha tia bordando ou costurando. Televisão a gente só via uma vez ou outra. Minha avó me deixava ver jogos de futebol ou basquete, mas tinha horror a novelas e a programas de auditório. Era chato de matar! A luz era muito pouca, que a minha avó tinha mania de fazer economia, ela dizia que não era sócia da Light. Então eu cansava de ler e ficava inventando outras coisas pra fazer. Eu ficava desenhando, ficava enchendo os ós do jornal, brincava com as minhas joaninhas... Uma vez eu amarrei um fio de linha na perna de um besouro e quando ele voou, com o fio pendurado, minha tia levou o maior susto.

Uma outra vez, eu inventei uma coisa legal! Enquanto minha avó e minha tia ficavam rezando, às seis horas, eu amarrei um fio de linha na perna da cadeira de balanço. Depois do jantar nós fomos para a sala. Então, de vez em quando, eu puxava o fio e a cadeira dava uma balançadinha. No começo elas não viram nada. Até que tia Emília, muito assustada, chamou a atenção da vovó. – Ó, Amélia – minha avó se chamava Amélia – Ó, Amélia, você não viu a cadeira balançar? Minha avó não ligou muito. Mas tia Emília ficou de olho. Daí a pouco ela cutucou minha avó: – Olha só, Amélia, ainda está balançando. Minha avó olhou e ficou desconfiada. As duas se olharam e fizeram sinais para não assustar o menino... Naquele dia, eu não mexi mais na cadeira. Mas no dia seguinte, eu fiz tudo de novo, só a minha tia é que viu a cadeira balançar. Ela estava apavorada! Então eu deixei passar uns dois dias e de novo dei uma balançadinha na cadeira. E dessa vez as duas velhas viram! Gente, que susto que elas to maram! Me agarraram pela mão e correram para o oratório para rezar.

Até aí eu estava me divertindo! Mas o que eu não podia imaginar é que no dia seguinte, na hora em que eu costumava ir para a rua brincar, minha avó me chamou, me mandou tomar banho, me vestir e me levou para a igreja. Nove segundas-feiras eu tive que ir à igreja com minha vó e minha tia para rezar pelas almas do purgatório!.